

## **A Urgência do Tempo na Cultura Digital: web 3.0, instantaneidade e futuros ilusórios<sup>1</sup>**

Fernanda da Silva RIBEIRO<sup>2</sup>

**Faculdade Cásper Líbero**

### **Resumo**

Este artigo tem por objetivo fazer uma reflexão sobre o tempo na Cultura Digital a partir do uso das tecnologias digitais móveis e da conexão contínua, sobretudo nas redes sociais online, onde grande parte das pessoas está *always on* e onde a inteligência artificial nos solicita a todo o instante. Utilizando o conceito de dromologia, do filósofo e urbanista francês Paul Virilio, e retomando as gerações da internet - web 1.0, 2.0 e 3.0 -, pretende-se apontar a urgência do tempo nas sociedades contemporâneas, bem como rever a ideia de que num futuro ideal e mais conectado as pessoas teriam mais tempo livre.

**Palavras-chave:** Tempo; Cultura Digital; Instantaneidade; Futuros ilusórios.

Cada época histórica possui suas características econômicas, políticas, sociais e culturais. A forma como os homens se organizam, desenvolvem hábitos, comportamentos e constroem cultura está intrinsecamente ligada a todos esses fatores. As condições de trabalho, por exemplo, influenciam diretamente o modo de vida de um grupo familiar. O mesmo acontece com o tempo. Em cada época os homens se relacionam com ele de uma determinada maneira, que é influenciada por diferentes fatores.

Fazendo uma breve retomada desde a Idade Antiga até a Pós-modernidade, podemos observar que houve grande alteração na forma como nos relacionamos com o tempo. Uma das grandes características dessas alterações é a aceleração no modo como vivemos e produzimos. Em apenas um século é possível observar o grande avanço das tecnologias de comunicação e informação. Desde o advento do telégrafo (final do séc. XIX) até o surgimento da internet (final do séc. XX) – e mais recentemente da inteligência artificial (séc. XXI), houve uma mudança significativa na forma de nos comunicarmos. Em se tratando de história, esse é um período bem curto.

Segundo Nick Couldry, sociólogo e professor da London School of Economics,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, e-mail: fdasilvaribeiro@gmail.com.

---

Grosso modo, a transição entre a era pré-telégrafo e a era telégrafo assistiu à transformação do período em que mensagens de longa distância entre continentes poderiam levar, digamos, 6 meses para o período em que poderiam ser comunicadas em 10 minutos, o que corresponderia a uma aceleração de 25.920 vezes! Por outro lado, se considerarmos o salto entre a era do telégrafo (ou mesmo do fax) e a era da internet, isso envolveria uma mudança de comunicação transcontinental (por exemplo, de documentos longos) da ordem de 10 minutos para comunicações que são completadas em prazos de 1 segundo ou menos: uma aceleração de somente 600 vezes! (Couldry, 2015, p.66)

Estudar a velocidade do tempo não como um evento físico neutro, mas como um evento que se insere em um contexto cultural, sobretudo na contemporaneidade, onde a grande maioria da população das grandes cidades está continuamente conectada, estando disponíveis a todo instante, é a proposta desse trabalho. Como questiona Paul Virilio, “Qual é esse ‘país da velocidade’ que nunca se confunde exatamente com o meio atravessado?”.

### **Uma breve história do tempo**

Considerando que a percepção do tempo sempre esteve ligada à forma de organização cultural dos povos em suas diferentes épocas, vale recuperar historicamente como ele era experimentado pelos povos de diferentes épocas.

Na antiguidade, por exemplo, o tempo era regido pela lógica da natureza. Os homens se organizavam de acordo com o plantio e a colheita num sistema predominantemente feudal, tendo por base a economia agrária. As atividades dos homens eram divididas entre o dia e a noite, a época de reprodução e a de recolhimento e as estações do ano. A luminosidade da manhã e a escuridão da noite marcavam claramente a divisão do tempo naquela época.

Já na modernidade, por volta dos séculos XVIII e XIX, o modo de produção feudal foi substituído pelo modo de produção capitalista e o campo e a colheita perderam força na produção econômica. As cidades se expandiram e o comércio ganhou força.

Com a intensificação da Revolução Industrial, houve um forte crescimento econômico e o progresso técnico ganhou força com a criação e multiplicação de máquinas a vapor, a construção de navios, ferrovias e o surgimento de grandes fábricas. Assim como as estradas se abriam e o homem chegava cada vez mais longe por transportes mais rápidos e potentes, as comunicações se tornaram cada vez mais velozes e novas formas de produção foram surgindo.

Das carruagens que viajavam a 12 km/h a população começou a usar o trem, que alcançava cerca de 45 km/h e podia seguir centenas de quilômetros. As fábricas produziam produtos de forma cada vez mais rápida e em maior quantidade. Assim, a Revolução Industrial foi tronando o mundo mais cada vez mais veloz.

Zygmunt Bauman, filósofo polonês que cunhou os termos da modernidade líquida, afirma que com o advento do vapor e do motor a explosão as pessoas podiam chegar aonde queriam com maior rapidez, e o tempo se tornou uma ferramenta voltada para encurtar distâncias. Segundo o filósofo, a modernidade já nasce sob a égide da aceleração. Ele diz: “a história do tempo começou com a modernidade. De fato, a modernidade é, talvez, mais do que qualquer outra coisa, *a história do tempo*: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história” (Bauman, 2001, p. 128-129).

Couldry, por sua vez, aponta que as recentes mudanças nas tecnologias de transmissão da mídia foram tão disruptivas quanto aquelas ocorridas a partir de meados do século XIX, pois mudaram a lógica da produção e da comunicação. Essas tecnologias foram disruptivas porque não aprimoraram algo já existente, mas trouxeram um novo modo de ser e estar no mundo.

As implicações das tecnologias digitais para nossa experiência de mudança do tempo sugerem mudanças não somente em práticas individuais (com as quais já somos familiares), mas também em articulações entre práticas, e assim, na textura da prática (entendida em um nível geral), ou seja, na natureza dinâmica do que Blumenberg chamou de “nossa situação global relacionada ao tempo” (Couldry, 2015, p.68).

Com equipamentos e tecnologias sendo produzidos e disseminados com maior rapidez, a partir da Revolução Industrial até os meios de comunicação digital como conhecemos hoje, houve uma grande transformação. Com menos tempo podia-se produzir mais nas fábricas; podia-se chegar mais rápido aos lugares; podia-se vender mais.

Para Vicente Romano,

os ideais diretivos da sociedade moderna, industrial e pós-industrial, são a velocidade e a aceleração crescentes. E onde melhor se manifestam são nos meios de transporte e de comunicação dos séculos XIX e XX. A aceleração do tempo é tal que o futuro condiciona e determina o presente. Esta circunstância tem modificado a representação do tempo (Romano, 2002, p.05).

Essas mudanças todas trouxeram profundas alterações nos nossos modos de vida, tanto no que tange à produção e à economia, como em relação aos costumes,

comportamentos e cultura. E isso se intensificou com a chegada das tecnologias digitais e da inteligência artificial.

### **Cultura digital: Web 1.0, 2.0 e 3.0**

Com o advento da internet, a partir da metade do século XX, as instituições e as pessoas de diferentes regiões do planeta passaram a se comunicar de maneira mais fácil e rápida.

Os primeiros testes relacionados ao que conhecemos hoje como internet começaram na década de 1960, em plena Guerra Fria, entre as duas maiores potências mundiais da época: Estados Unidos e União Soviética. A busca pela liderança era intensa e, com isso, as pesquisas na área militar se intensificavam continuamente. Assim, os Estados Unidos iniciaram uma pesquisa para que fosse criada uma rede de computadores que se comunicasse com diferentes pontos estratégicos do país de forma que não possuíssem um comando centralizado e, assim, não corria-se o risco de ser revelada ou destruída completamente caso sofresse um ataque.

Não havendo mais a iminência de uma guerra física, o governo dos EUA permitiu que pesquisadores das grandes universidades passassem a usar a rede de computadores, com transmissão de arquivos.

Apesar de o início das pesquisas sobre a internet se dar nas áreas militares e acadêmicas, Castells (2003) aponta que esses campos sozinhos não criaram a rede como conhecemos hoje. Para o autor, a cooperação do comportamento estabelecido entre pesquisadores, estudantes e profissionais da computação, no fim da década de 1960 e início da de 1970 - que permitiu a comunicação global a qualquer tempo e em qualquer espaço - a arquitetura aberta dos protocolos de comunicação e o uso das ferramentas não só por técnicos, mas pelos próprios usuários, foram fundamentais para o desenvolvimento da internet.

A essa nova maneira de organização social, cuja tecnologia digital e a internet assumem cada vez mais lugar, foi dado o nome de Cultura Digital ou Cibercultura. Além de uma questão ferramental-tecnológica a internet pode ser entendida também como um importante fator de cultura, que contribuiu para alterar os modos de se relacionar e viver, estruturando, dessa maneira, novas práticas sociais.

Santaella aponta, por exemplo, que a cibercultura não se dinamiza apenas quando os usuários ligam seus computadores ou seus dispositivos cada vez mais

modernos, mas que a tecnologia computacional está fazendo a mediação das nossas relações sociais, da nossa autoidentidade e do nosso sentido mais amplo de vida social. “A cibercultura vai se estabelecendo firmemente na medida em que crescentemente usamos formas mediadas de comunicação digital” (Santaella, 2003).

Na década de 1990, a internet alcançou seu desenvolvimento mais pleno e se popularizou, sendo acessada por diversas pessoas de diferentes lugares. É nessa fase que nascem os primeiros sites e navegadores para a web, como o Internet Explorer e o Netscape Navigator, por exemplo. O computador deixava de ser apenas uma máquina de produção local para se tornar um ambiente de acesso a informações interplanetárias. Nasce, então, a chamada primeira geração da internet, a Web 1.0.

Lucia Santaella apresenta bem esse desenvolvimento. Ela diz que,

Quando os computadores pessoais deixaram de ser caixas fechadas para o arquivamento de dados pessoais e se conectaram em redes planetárias, deu-se por iniciado aquilo que passou a ser denominado de Web 1.0. As redes de comunicação não se restringiram mais à utilização exclusiva de governos e empresas e o seu uso estendeu-se a pessoas físicas. Centrada no conteúdo fornecido por uma pequena população que dominava as técnicas das páginas estáticas, a Web 1.0 caracterizava-se, então, pela conexão das informações, cuja implementação tecnológica mais representativa era indicada pelos portais corporativos, portais de conteúdo, mecanismos de busca, websites, bases de dados (Santaella, 2013, p.32).

Essa geração da internet é conhecida como a geração do acesso e da busca. Não havia interação entre os usuários e nem a comunicação de muitos para muitos. Também nessa época não era possível publicar conteúdos e gerar produções próprias, pois não havia a possibilidade de upload de arquivos na web. Os sites eram produzidos todos em códigos e apenas os profissionais da área tinham conhecimento para criá-los.

O objetivo da rede, nessa época, era propagar informações. Os diferentes sites tinham como objetivo estabelecer uma presença online e deixar suas informações disponíveis a qualquer pessoa a qualquer momento. Nesse período, porém, o usuário ficava apenas no papel de espectador,

Com o desenvolvimento de novos códigos e novas tecnologias nasce, na década de 2000, a segunda geração da internet, a Web 2.0.

Usado pela primeira vez em 2004, o termo apontava para uma nova forma de uso da internet, dando aos usuários a possibilidade de interagir, participar, publicar conteúdos e se corresponder online pelos conversadores instantâneos. Com os blogs e as

redes de interfaces amigáveis, ou seja, de fácil manuseio aos leigos, houve um boom de produções e disseminações de informações.

Surgem também nessa época as comunidades virtuais, as redes sociais digitais e as possibilidades de interação entre as pessoas comuns e as grandes mídias, bem como com grandes figuras públicas.

A web 2.0 é conhecida como a geração do compartilhamento. A partir dela foi possível não somente acessar e publicar conteúdos na web, mas também colocar pessoas em contato, deixando o computador de ser apenas uma ferramenta de consulta para se tornar uma ferramenta de interação.

Dessa maneira, o usuário se tornou o foco e passou de um papel passivo, de navegador, para um papel mais ativo, de protagonista (Santaella, 2004). Isso trouxe uma grande transformação para o campo das relações, que até então eram feitas pelo contato físico, num encontro presencial, por exemplo, ou por lugares fixos, como numa conversa por telefone residencial ou comercial.

Um dos fatores importantes para a pluralização das redes e dos contatos entre os atores sociais (Primo, 2012) foi a possibilidade destes em acessar a internet pelos dispositivos móveis. Quando os telefones celulares passaram a ter conectividade, houve uma grande mudança, pois não era mais preciso estar em um local fixo para se comunicar; agora era possível se comunicar em movimento, de qualquer lugar e em qualquer horário.

Antes dos equipamentos móveis, nossa conexão às redes dependia de uma interface fixa, os computadores de mesa. Enquanto as redes digitais, por sua própria natureza, são sempre móveis, a entrada nas redes implicava que o usuário estivesse parado à frente do ponto fixo do computador. Agora, ao carregar consigo um dispositivo móvel, a mobilidade se torna dupla: mobilidade informacional e mobilidade física do usuário. Para navegar de um ponto a outro das redes informacionais, nas quais se entra e se sai para múltiplos destinos, YouTube, sites, blogs, páginas etc., o usuário também pode estar em movimento. O acesso passa a se dar em qualquer momento e em qualquer lugar. Acessar e enviar informações, transitar entre elas, conectar-se com as pessoas, coordenar ações grupais e sociais em tempo real tornou-se corriqueiro (Santaella, 2014, p.34).

O acesso à internet com tecnologias de conexão mais potentes e mais rápidas, conectadas por celulares mais eficientes, permitiu aos usuários conversarem e se comunicarem cada vez mais em tempo real. Instantaneidade virou o status do momento. O tempo real acabou se tornando o tempo mais importante, como aponta Paul Virilio.

---

(...) uma informação lenta não existe. É evidente que o drama da revolução da informação é a velocidade e não o conteúdo. O que interessa é a velocidade, a possibilidade de uma interatividade e, sobretudo, a possibilidade de mudar de tempo. Estamos entrando num tempo mundial, o livre, o tempo real (Virilio, 1998, p.58).

As mídias digitais, por sua vez, passaram a se integrar e as conexões feitas aos diferentes sites e aplicativos começaram a ser realizadas com os mesmos dados de acesso, interligando todos os conteúdos do usuário. Por um mesmo telefone e com um mesmo *login*, passou ser possível acessar as redes sociais, os vídeos, as fotos compartilhadas, os sites favoritos, os aplicativos de conversação entre tantos outros programas, tudo na palma da mão.

É por volta da década de 2010 que surge, assim, a terceira geração da internet, a Web 3.0 ou web semântica. Nessa geração da internet, o usuário passa a estar conectado sempre, estando acessível em qualquer momento a um clique. Segundo Primo,

Com a popularização das plataformas de interação on-line e a miniaturização dos artefatos digitais, as pessoas hoje estão em constante estado de conversação. Esse estado de alerta traduz uma característica do ambiente *always on* (Turkle, 2006; Pellanda, 2008), no qual o indivíduo está conectado a vários espaços simultaneamente.

Estar *always on* parece ter se tornado o modo de funcionarmos na contemporaneidade. Agora, além de nos relacionarmos com diferentes pessoas em diferentes redes digitais ao mesmo tempo, passamos a nos relacionar também com os dados fornecidos pelas máquinas. Os computadores passam a reconhecer o comportamento do usuário e a “desenhar” sua navegação, sugerindo uma série de informações.

Os efeitos das buscas, por exemplo, são mais precisos e disponibilizam os resultados de acordo com a necessidade de cada indivíduo; os conteúdos apresentam-se de forma mais personalizados para cada internauta, com sites e aplicações inteligentes; e a publicidade é apresentada com base nas pesquisas e nos hábitos dos usuários. É a inteligência artificial chegando ao usuário comum.

A inteligência artificial (IA) é o estudo de como fazer os computadores realizarem tarefas em que, até o momento, são os humanos que fazem. O termo "Inteligência Artificial" nasceu na década de 1950 quando cientistas introduziram o processamento simbólico ao invés de construir sistemas baseados em números. Desde então, pesquisadores têm estudado formas de estabelecer comportamentos inteligentes



nas máquinas, buscando programar um jeito de fazer as máquinas compreenderem as coisas.

A relação entre o homem e a máquina tem ficado tão simbiótica que, segundo Santaella, não é possível pensar, hoje, a separação entre inteligência humana e inteligência artificial.

A inteligência humana foi crescendo no acoplamento com as tecnologias desenvolvidas pelo próprio ser humano. De uns tempos para cá, as tecnologias foram se tornando, cada vez mais intensamente, tecnologias da inteligência. Os computadores e os programas que os fazem funcionar são aparelhos que estendem nossas capacidades mentais. Eles estão indissociavelmente acoplados à inteligência do humano (Santaella, 2016).

Embora a área de IA seja estudada academicamente desde os anos 50, só recentemente gerou interesse crescente por causa do surgimento de aplicações comerciais práticas. Um fator decisivo para o sucesso desta transição da academia para a indústria são os enormes avanços tecnológicos dos equipamentos computacionais ocorridos nas últimas duas décadas.

Hoje, televisões, óculos, relógios e mesmo roupas podem estar conectados à internet. É a chamada “internet das coisas”.

De acordo com os prognósticos de Mark Wiser (*apud* Poster, 2003, p. 144), estamos agora entrando na terceira era da computação: primeiro os *mainframes*; depois, as mesas com monitores, teclados, mouses e um cipoal de fios por trás delas; agora, a disposição dos computadores se torna imperceptível nas agendas, óculos, roupas (Santaella, 2007, p. 201).

Os estudiosos mostram que cada vez mais os computadores vão sumir da nossa vista e as tecnologias vão se tornar mais sutis, ou seja, menores e invisíveis. As habilidades de processamento de informação vão emergir por todo o ambiente circundante com a capacidade de processamento de informação integrada; os produtos vão possuir habilidades de inteligência e os objetos estáticos se tornarão seres dinâmicos e comunicantes. A conexão de pessoas em qualquer tempo e em qualquer lugar somar-se-ão à conexão de objetos inanimados e às redes de comunicação (Santaella, 2011). Um novo momento para a comunicação; novas mudanças nas formas de nos relacionarmos.

**Dromologia e instantaneidade - urgência e imposição do tempo de cada um na cultura digital**



---

Se a partir da web 2.0 o acesso à informação se tornou mais rápido e as pessoas passaram a se comunicar em tempo real, com a web 3.0 a comunicação se tornou urgente.

O *modus operandi* da comunicação na atualidade é o *always on*<sup>3</sup> e a instantaneidade frequente. Santaella diz que a era digital é o período do imediatismo e do instantâneo. Segundo ela, o único tempo que existe é o aqui e o agora, uma vez que a nova unidade de medida de tempo é o tempo real (Santaella, 2003).

O tempo até então marcado por Cronos, ou seja, o tempo físico marcado pelos anos, meses, dias, horas etc. vai perdendo suas medidas cronométricas que o submetia à precisão dos calendários e dos relógios. Os tempo locais estão sendo substituídos pelo tempo universal. O tempo geofísico dos lugares sucede ao tempo contínuo de uma realidade virtual que modifica radicalmente toda duração.

Assim como a partir da Revolução Industrial, como vimos anteriormente, houve uma grande transformação em nossa relação com o tempo e, conseqüentemente, na forma de organização social, com a tecnologia digital avançada, que utiliza-se da inteligência artificial, da conexão rápida e de aparelhos cada vez mais imperceptíveis, nossa relação com o tempo também mudou.

Segundo Baumann (2001), a lógica da vida instantânea é caracterizada pela anulação da resistência do espaço e pela liquefação da materialidade dos objetos. As experiências e as relações acabam sendo pautadas pela instantaneidade e pelo curto prazo de sua existência.

Virilio chama essas mudanças trazidas pela aceleração do tempo de dromologia. Isto é, o estudo que investiga os impactos culturais e sociais da velocidade produzidos pelas novas tecnologias. Em seus estudos, o filósofo se preocupa com o ordenamento do tempo e a tendência ao desaparecimento da duração. Duração, segundo ele, é o que permanece durante um período, é o tempo numa medida mais longa, que demora para se findar. O filósofo afirma que sem duração, nem território, a velocidade da luz torna-se a consagração da velocidade, eliminando os trajetos e a duração. A velocidade tendendo para zero produz a menor duração das coisas, sejam elas objetos, memórias, territórios ou relações. Dessa maneira, a dromos da modernidade culmina na dromologia da pós-modernidade.

A duração é própria do homem, ele está inscrito nela (...) Não estou dizendo que deveríamos reverter à democracia antiga, para o relógio e coisas do gênero.

---

<sup>3</sup> Expressão usada para dizer que alguém está sempre conectado à internet; que nunca desliga.

---

O que estou dizendo é que existe trabalho a ser feito, o trabalho epistêmico-técnico, (...) para estabelecer o político num tempo em que a tecnologia divide o tempo – e eu diria: o esgotamento do tempo (Virilio *apud* Moraes, 2002, p.65).

Observamos, assim, que a imediaticidade do presente passa a ter primazia sobre o passado e o futuro. O tempo entendido como uma sucessão de momentos entre o que foi, o que é e o que será, parece se esvaír, extinguindo-se o tempo cronológico.

Segundo Couldry,

O tempo somente se torna tempo humano na medida em que está organizado à maneira de uma narrativa. Ele afirma que o enredo de uma narrativa fornece uma síntese temporal que integra uma variedade de elementos heterogêneos. A narrativa oferece uma maneira diferente de estar no tempo, uma vez que o enredo “extraí uma configuração de uma [mera] sucessão” (Ricoeur, 1984a, p. 66), a mera sucessão de um momento a outro (Couldry, 2015, p.64).

Se as bordas dos tempos marcados pelos períodos de trabalho, de sono, de estudo e de lazer, estão ficando borradas, é porque um tempo está invadindo o outro tornando-se, assim, um tempo só: um tempo contínuo.

Nesse novo tempo estamos *always on* e, se assim estamos, estamos presentes o tempo todo. Porém, estar presente o tempo todo é diferente de estar acessível o tempo todo. Quando estamos acessíveis, o outro sabe que receberemos sua mensagem em algum momento e que a responderemos assim que possível. Estar presente, por sua vez, é romper com todas as barreiras de tempo e espaço e estar presente em qualquer lugar e a qualquer horário, pronto para responder a um chamado. O sujeito se *presentifica* estando ele onde estiver.

O tempo de resposta, por sua vez, é eliminado e as pessoas passam a exigir retornos imediatos, pois se me presentifico, devo responder a uma solicitação como se estivesse presente fisicamente. Esse retorno imediato é ainda mais exigido à medida que os mecanismos de controle dos dispositivos mostram quando o receptor leu a mensagem. Dessa maneira, o meu tempo torna-se tão urgente quanto o tempo do outro e nessa teia de bytes solicitando por atenção há uma invasão recíproca do tempo de cada um. O que parece é que todos os tempos são encaixados autoritariamente no tempo acelerado da web.

O problema dessa aceleração, afirma Couldry, “não está somente na falta de tempo de reação, mas na falta de tempo de interpretação, para criar um sentido narrativo sobre o que supostamente estaríamos atualizados” (2015, p.70).

---

A ditadura da rapidez esgota o tempo necessário para o pensamento e a reflexão, que são próprios do homem. A pressa se tornou uma virtude. Em nenhuma época os homens ativos e intranquilos tiveram tanta importância, tiveram mais *status* do que hoje. Mas não estariam os homens querendo concorrer com a máquina? Ou, não estão exigindo dos homens que estes funcionem como máquinas?

Certamente, aponta Virilio. Ele nos mostra que é preciso trabalhar sobre a natureza do poder da velocidade, porque a velocidade da luz é um absoluto e é o limite do tempo humano.

Nós estamos no “tempo-máquina”; o tempo humano é sacrificado como os escravos eram sacrificados no culto solar de antigamente. Eu o digo, nós estamos num novo Iluminismo em que a velocidade da luz é um culto. É um poder absoluto que se esconde atrás do progresso, e é por isso que eu afirmo que a velocidade é a propaganda do progresso. Eu não tenho nada contra o progresso. Quando eu digo que é preciso “ir mais devagar”, alguns zombam de mim. Pensam que eu condeno a revolução dos transportes, dos trens, dos carros, dos aviões, que eu sou contra os computadores e contra a Internet. Não é nesse nível que as coisas estão em jogo (Virilio, 2011).

O ideal de futuro do século XX era que com a evolução da tecnologia teríamos mais tempo livre para realizarmos outras atividades de lazer, estudo, encontros. Porém, o que vemos é que com o acelerado desenvolvimento da tecnologia acabamos por trabalhar mais, produzir mais e ficarmos em alerta todo o tempo. A ideia de que dominaríamos as máquinas e a faríamos trabalhar para nós parece ter se invertido e somos nós, humanos, que estamos trabalhando para elas.

### **Futuros ilusórios: chegamos onde queríamos?**

O cientista social Richard Barbrook em seu livro “Futuros imaginários: de pensar máquinas para a aldeia global” (2007), mostra que as promessas de benefícios futuros oferecidas à sociedade, tanto no campo técnico como no político-social, não se realizou. Segundo ele, a crença num futuro melhor só existe porque é crença, e não realidade, pois esse futuro está sempre nos sendo oferecido, mas nunca é encontrado.

A internet é uma ferramenta útil, não uma tecnologia redentora. O determinismo tecnológico não molda o futuro da humanidade: quem constrói futuro é a humanidade em si, usando novas tecnologias como ferramentas (Barbrook, 2009, p.4).

O pesquisador aponta como o futuro que imaginávamos não se realizou e nos mostra como o aprimoramento das tecnologias digitais e da possibilidade de estarmos o tempo todo conectados acabou nos prendendo em vez nos libertar, como era imaginado inicialmente.

Assim como Barbrook, Baumann e Virilio trazem questões importantes sobre a serviço de quem está esse desenvolvimento desenfreado pelo agora. Para eles, há uma política da velocidade que privilegia quem produz mais, quem compra mais e quem faz “mais por menos”. Quanto mais as pessoas puderem estar sempre online, utilizando aplicativos, consumindo produtos e trabalhando em qualquer horário, transfigurado de flexibilidade do fornecimentos de serviços, melhor é para os donos do capital.

Estamos diante de algo extraordinário, é que nós não sabemos o que é a velocidade em nossos dias. As pessoas me dizem que é preciso uma economia política da velocidade, e, de fato, é preciso uma, mas é preciso primeiro uma dromologia, ou seja, revelar na vida política, no sentido amplo do poder, a natureza da velocidade em nosso tempo (Virilio, 2011, p.140).

Virilio critica a ideia de virtualização e desrealização oferecida por uma tecnocracia globalizada que aclama a eficácia como parâmetro máximo. A imposição de corpos-máquina funciona numa sociedade onde o valor primeiro é o acúmulo de capital.

Se essa tecnologia do agora estivesse em função de parâmetros sociais teríamos um pouco mais daquele mundo sonhado, de que com o desenvolvimento técnico-digital teríamos um mundo menos desigual.

O paradigma-máquina é a velocidade e está incorporado ao agir social – exigimos velocidade das máquinas e dos corpos; corpos velozes, dinâmicos, aptos a atender às vicissitudes do capital. O resultado é o esgotamento ou a expropriação do tempo (...). Da mesma forma que presenciamos a bancarrota das relações de poder baseadas no político, estamos presenciando o acidente violento dos corpos chocando-se contra o muro da duração, ou seja, o espaço-tempo humano (Morais, 2002, p.65).

Em “Elogio da Lentidão”, Milton Santos, geógrafo e ex-professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), descreve que a onipresença da competitividade e o deslumbramento da instantaneidade contribuem para que a ideia de velocidade constitua uma espécie de tentação permanente. Ele diz que o mundo de hoje existe sob o signo da velocidade.

---

O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a ideia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude (Santos, 2001, p.12).

Segundo Barbrook, o futuro imaginário projetado pelo século XX já deveria ter sido realizado. A iminência de algo cada vez mais elaborado, cada vez mais complexo e cada vez melhor, no sentido das tecnologias digitais aplicadas ao cotidiano, já deveriam ter sido realizados. Mas não se realizaram.

Sim, a tecnologia se desenvolveu muito. Inclusive essa reflexão se dá por ela ter chegado rapidamente aonde chegou, porém existe sempre uma busca por modelos cada vez mais avançados que podem fazer sempre algo a mais algum dia. É esse pensamento que Barbrook nos traz, mostrando que nosso conceito de futuro computadorizado permaneceu o mesmo. Segundo o cientista,

A profecia sobre a sociedade da informação se aproxima de sua realização a cada lançamento de novas partes de programas e equipamentos computacionais. (...) O que é agora é o que será um dia. A realidade contemporânea é a versão beta de um sonho de ficção científica: o futuro imaginário (Barbrook, 2009, p.37).

O que podemos observar é que esse desejo infinito pelo novo acaba aprisionando o próprio homem. A ideia de que quando chegaríamos no futuro tudo seria melhor só existe porque é ideal, não real, ou seja, porque se constitui como meta. Dessa forma, as ilusões de que nos tão aclamados anos 2.000 trabalharíamos menos, teríamos mais conforto, menos disputas, menos controle e mais tempo, são ilusórias.

### **Considerações finais**

Como vimos, a aceleração do tempo vem alterando drasticamente a forma como vivemos na atualidade. A narrativa da duração composta pelo passado, presente e futuro está dando lugar a uma narrativa contínua, de tempo uniforme e constante, onde o tempo real do agora é o que prevalece.

A implicação da instantaneidade atinge a complexidade das organizações sociais, atingindo não só os meios de comunicação, como também a economia, a

política e a cultura. A instantaneidade do capital, no entanto, é a mais privilegiada. Como nos mostra os autores apresentados aqui, não é possível separar o grande desenvolvimento tecnológico do desenvolvimento econômico e político mundial.

Disputas e privilégios sempre existiram, porém imaginava-se que com o advento da internet, por exemplo, haveria mais democracia, mais liberdade de opinião. Isso até aconteceu no início de seu desenvolvimento, com as redes abertas, mas logo as conexões se tornaram controladas e as relações mediadas pela web, passaram a ser feitas por empresas privadas.

Não há como negar que o desenvolvimento das tecnologias digitais trouxe um grande avanço para diversas áreas. A tecnologia em si é interessante e muitas vezes importante de ser usada. O próprio Paul Virilio, considerando um filósofo catastrófico e pessimista, diz que o problema não é a técnica e que não devemos voltar para trás na história, idealizando uma época que já foi, mas que devemos “ir mais devagar”, ser críticos em relação à adoração à técnica, à supereficiência como o valor mais nobre e a aceleração da vida como um fator apenas de conquistas para a humanidade. Segundo ele, devemos ter uma atitude crítica em relação à tecnologia; devemos verificar o que de bom e de ruim ela pode nos trazer.

Assim, é importante refletirmos sobre os modelos tecnocratas atuais que super valorizam a máquina e acabam nos induzindo ao tempo acelerado e urgente de cada um, levando-nos muitas vezes a uma realidade não humana. As possibilidades de comunicação na Cultura Digital ampliaram-se significativamente e passamos a ficar o tempo todo conectados e alertas. A ilusão de que com os avanços cada vez mais modernos das tecnologias e as alterações trazidas por elas nos revelaria um mundo melhor é verdade em parte. Em parte é ilusão perdida.

## **Referências**

BAUMANN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARBROOK, R. **Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global**. São Paulo: Peirópolis, 2009.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

COULDRY, N. O tempo e as mídias digitais: aprofundamento do tempo, déficits de tempo, e configuração narrativa, jul-dez, 2015. **Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM**. Disponível em < [file:///C:/Users/W8/Downloads/332-1029-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/W8/Downloads/332-1029-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em 15 jul.2016.

GARCIA, V. R.. Ordem cultural e ordem natural do tempo. São Paulo: **Centro interdisciplinar de semiótica da cultura e da mídia**, 2002. Disponível em <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/finish/18-romano-vicente/55-ordem-cultural-e-ordem-natural-do-tempo.html>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

MORAIS, R.Q. Paul Virilio: o pensador do instante contemporâneo, 2002. **Ijuí. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI**. Disponível em < [file:///C:/Users/W8/Downloads/1181-4852-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/W8/Downloads/1181-4852-1-PB%20(3).pdf)>. Acesso em: 30 maio 2016.

PRIMO, Alex. **O que há de social nas mídias sociais?** Reflexões a partir da Teoria Ator-Rede. Bahia: Contemporânea (UFBA. Online), v. 10, n.3, 2012.

\_\_\_\_\_. Conversações fluidas na cibercultura. **Revista Famecos** - Porto Alegre, v. 24, n. 1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2017. Disponível em: <<file:///C:/Users/Fernanda/Downloads/24597-105426-1-PB.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

SANTAELLA, L. **Cultura e artes do pós-humano**. São Paulo; Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo; Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo; Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo; Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. Sentido e significado. (Jun.2016). Alexandre Quaresma. **Revista Filosofia e Ciência**, Jun.2016. Site da revista. Disponível em <<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/115/artigo367443-1.asp>> Acesso em: 30 jul. 2016.

SANTOS, M. **Elogio da lentidão**. Folha de São Paulo, São Paulo: 11 mar. 2001. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200109.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

VIRILIO, P. **Minha língua estrangeira é a velocidade, é a aceleração do real**. (jun.2011). Guilherme Soares dos Santos. Diário Liberdade, jun. 2011. Site de notícias. Disponível em <<http://www.diarioliberalidade.org/component/content/article.html?id=16682:entrevista-ao-filosofo-frances-paul-virilio>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. O progresso científico é uma catástrofe, 1998. **FAPESP**. Disponível em <<http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/21734/progressocientifico-catastrofe>>. Acesso em: 10 jul. 2016.